

COEXISTÊNCIAS

Livro 73

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



OUÇO O VENTO

Ouço o vento desértico, que não seguem em silêncio incansáveis distâncias provoca metas sem destino, corredor aprendiz, de régua, papel e lápis desenha o caminho que significa a rota, errante, solto. Ouço o vento ao sabor da alegoria, disfarçado de alegria, repleto de sobrecargas, sonhos mal calculados, desejos mal realizados, ofensas pousadas, inimigos aliados, barcos desancorados. São apenas ventos deslocados, translocados carregadores.



VIVA A VIDA

Acolho com hospitalidade a vida que permanece viva em mim, abrindo espaços suaves, refugiando-se dos golpes, decifrando litorais e interiores. Sempre transitória, penetra, gira num universo que vibra e afaga, restaura e cicatriza.

DOR ALHEIA

A dor alheia, o saber alheio, o riso alheio, a pobreza alheia, viver o alheio, o cheiro alheio. Incorporar a alegria alheia, o tédio alheio, a fome e o alimento alheio, o sabor alheio. Ao descobrir além-fronteiras curei-me do individualismo que me entortava numa única direção.



MÁS IDEIAS

As más ideias cedo ou tarde saem caras.



DISTRIBUIDOR DE PÃES

O distribuidor de pães desafiou a fome, viciou os famintos, eles agora se ocupam de outras coisas, já não reviram os lixos, acariciam com as pontas dos dedos os filhos que pararam de chorar de fome.

SILENCIOS ELETRÔNICOS

Torço por silêncios eletrônicos, quero apagões para ver as pessoas tendo que me olhar de frente. Desacostumadas ao olho-no-olho, quero vê-los expor no osso os seus defeitos, quero que o olhar desviado das máquinas encontre experiências marcantes, ver um pouco que há gente por perto, que estão numa “roubada”, numa masturbação ocular, numa ação de dar pena. Torço pra que elas percam o medo de ver pessoas por perto, que se desacostumem às distancias e que parem de falar com fantasmas.



DISPENSANDO VALORES

A marginalização dos valores é uma condenação, um esvaziamento ostensivo que nivela euforias e alegrias, mulher e homem, lealdade e escravidão, tempo e pressa, crianças e adultos, informação e conhecimento.

TRANSPOSIÇÃO

O passado não se apresenta como reminiscências; se impõe inteiro parecendo mais uma transposição.



O QUE ME INTERESSA

O que me interessa neste momento não é a originalidade, criar algo novo é quase impossível. Esvaziados os mitos e as virtudes, reitero tradições que carregam vitais condutas, elas moldam a minha cultura e determinam o meu comportamento social.

OS QUE SEGUEM

No centro de tudo estão as pessoas. Os que seguem, os que desistem, os que circulam. Os que morrem imunes à ação do tempo se refugiam na memória buscando a concessão do salvo-conduto. Buscam em vão uma harmonia que coincida com o fim. Todas as forças se combinam para ajudar o necessário distanciamento.



CONHEÇO A FUNDO

Conheço a fundo minhas umedecidas mucosas, sei que representam solicitações. São usadas para anunciar carências. Infeliz do corpo que se nega a vê-las. Vistas de certo ângulo, são de difícil identificação: nunca se sabe se sentem falta, se choram ou se desejam.

ÉS TUDO

Sonho que és tudo - frente e verso, começo e fim, penumbra e silhueta, rumo e vestígios.



SONHOS COMUNS

Se algo sereno e calmo acolher a minha alma em fuga, saiba que ela precisa de reparos, de acolhida, de sentido, de alguma magia que alimente a vontade de viver.



TENHO UMA ESPERANÇA PERDIDA

Tenho uma esperança perdida na extravagância das armas cinéticas, focais, mortíferas, festejadas, limpas, ligeiras, nutridas de más inteligências, de mãos sujas e intenções terminais. Tenho um futuro preocupado pelo forte aumento dos piores recursos voltados contra a nossa espécie.

CRÔNICAS AGONIAS

Estou cercado de homens abandonados a si próprios como se não tivessem existência. Desorientados nesta falta de harmonia sabem ser impossível livrar-se da companheira miséria que lhes nutre a melancólica vida, vivida de crônicas agonias e censurados entusiasmos, endurecidos pelo medo diário de não ter mais nada. Vivem na contramão dos seus direitos, desconhecidos. Vivem divorciados da justiça e dos prazeres, do trabalho formal, da saúde. Vivem de vida aprendida no mundo, de habilidades produtivas forçosamente adquiridas.



ATADURAS SOCIAIS

De vez em quando a paz se interrompe. A vida se incomoda que dela se faça uma selva hostil, perigosa, possuidora de várias histórias ofensivas. Ações que pareciam sem valor, hoje se revelam fundamentais. Outras, se escondem envergonhadas por detrás das máscaras negadas pelas versões oficiais. Não se pode obviar a distância entre a realidade e a divulgação, impossível abolir dos fatos as ataduras políticas manipuladas.

PARA TE RECEBER

Espera um pouco mais, abandona essa vontade que tens de me impedir de entrar, algo inédito ressuscita inacabados sonhos que caídos no esquecimento pedem para voltar, minha aldeia adormecida e com saudades se inclina para te receber.



ENCILHADAS NO VENTO

Memórias crianças me rodeando, vindo e voltando, correndo parecem não tocar o chão, encilhadas no vento, sem parar, e por mais que trotem, vão e voltam a ficar no mesmo lugar.

ROGA-SE

Roga-se que façam seus espetáculos com discrição, que não invadam o tempo, o espaço e o mérito alheio. Não apaguem os risos, roga-se que desviem suas más intenções para longe deste local. Cuspam n'outro prato que não lhes alimentou. Não repartam suas derrotas, não usem represálias contra nosso êxito.



SE ME NECESSITAS

Se me necessitas, chama-me, guardei algumas tréguas, aprendi a alterar o tempo, atmosferas, humores. Procuo olhares perdidos, mudo decisões equivocadas, capturo paisagens, adorno ideias estúpidas, recupero risos inadequados, corrijo excessos, transito todos os prantos lentos, público declarações adiadas.

NARRADOR DE SENTIDOS

Tenho um aparelho para coletar geadas, coleciono chuvas para destilar a água que cai, aos poucos, empilho gotas divididas de acordo com suas emoções. Crio universos de consequências, adiciono compromissos, conto todas as pautas, me agarro a todos os abraços, convertido em narrador de sentidos.



MELANCOLIAS

Vazias, preciosas, mas vazias, as melancolias emprestam às tristezas culpas adicionais, evocam partidas, infestam chegadas. As melancolias são manifestos desistentes à espera de servis companhias.

CAMINHOS ÉTICOS

Caminhos éticos apontam para o amor recíproco, para a gratidão aos que cuidam, pela aceitação das diferenças, pela incorporação das críticas para o uso da prudência e da facilitação para que as Virtudes reinem. A ordem da composição não altera seus resultados. Mantidos quase os mesmos elementos, eles ecoam para compor e multiplicarem-se através dos tempos.



UMA MULTIDÃO DE CRIANÇAS

Uma multidão de crianças deixa a impressão de uma ninhada de descendentes. Confirma o futuro da espécie, inquietando paisagens vazias, dando vida ao silêncio que se retrata ativo no alarido, coisa de artistas mostrando as suas obras. Inquietas e desassossegadas, as crianças temperam as nossas existências.

VIVO NUM LUGAR

Vivo num lugar onde poucos aparecem, não há motivos, nem destaques, há carência de gente, todos os amores acostumados. A mesmice se alimenta das loucuras controladas e das margens sempre obedecidas. Tudo é adiamento acumulado e milagre inventado no lugar onde vivo.



ERRO FATAL

Repito sem cessar um erro fatal. Adoro tempestades, compro confusões, cultivo turbilhões. Em meus pensamentos fartos, sofro por todos, sofro por mim, armado na bagagem, tentando ressurreições mais bem sucedidas.

DECADÊNCIAS

A prática das técnicas humanizadas monitora e reverte a decadência da viciante soberba, liberta os descendentes da vida copiada, das réplicas de humanos subordinados ao consumo, cujos promotores enaltecem o narcisismo e atacam os valores coletivos.



CARROSEL

Não param de jorrar imaginações que me atiram nos braços de um carrossel, no giro de uma roda gigante e no relógio que me desperta enraizado na manhã vedada aos sonhos.

SUBORDINADO

Subordinado nos braços da cadeira repouso, fabrico um tempo estendido. Acumulo monólogos imitando solitários. Cato palavras reencontradas ao acaso, sustentando precipitados reconhecimentos, ordenando paciências duradouras.



SOU CONJUNTO

Sou um conjunto fragmentado, reunião de várias partes, mergulhado nestas obsessivas narrativas onde esboço invenções entre eu e meus personagens movidos pela preocupação de persuadir. Faço soar imensas relíquias depositadas no espaço misterioso do papel. Aproprio-me de ocasionais surgimentos que se oferecem como que escapados de algum profundo lugar. Elas me dominam, se ocupam de me fazer portavoz destes documentos sem provas que dominam o meu imaginário dele arrancando variantes infinitas.

NÃO CONHEÇO A MORTE

Não conheço a morte, algum dia terei de encontrá-la, terei que dizer-lhe que só a conheço de vista pousada no corpo alheio, e mais, que não costumo conversar com desconhecidas. Delicadamente lhe farei ver que nunca frequentei guerras e outros perigos induzidos, que a maior exposição ao perigo foi comer cachorro-quente na rua e nos estádios de futebol. O meu testamento está adiado, minha agenda lotada e nossos interesses distintos, tudo é desencontro. Vou sugerir-lhe que volte outro dia, que procure outro mais interessado na sua companhia, algum suicida necessitado de assistência. Pedir-lhe-ei paciência, com a minha insistência em seguir vivo, acabar-lhe-ei convencendo que se ela me levar verá o quanto imaturo estou para morrer. Ainda não dispenso atenção exclusiva.

MANCHA DE LUZ

Não fora a mancha de luz que o entardecer deixou houvesse perdido o caminho de volta, escorria no meu rosto um vazio sem fim, uma falsa nitidez ensaiava uma coerência, eu não estava lá, meu rosto verdadeiro sumido pisava o chão esperando encontrar o pôr-do-sol. Tudo se movia, no chão de terra batida, aqueles rastros não sabiam onde ficaram seus autores, estavam longe, no mundo.



RASTROS

Há rastros de encontros e despedidas nas pistas, nas calçadas, nos cais, nos rostos, nas memórias, na neve, no barro, nas cartas, neles se podem prever tempos, espaços, profundidades, durabilidades, naturezas, permanências. Estão por estar, alguns não vieram para ficar. Rastros avulsos, grupais, resgatáveis, indefinidos, lineares, descoordenados, interrompidos, apagados, definitivos, longínquas e pequenas distâncias, rastros de várias idades.

OLHARES INTERIORES

Olhares interiores denunciam muitas dívidas no que diz respeito ao controle dos apetites, a decência, à moderação, a prudência, a sobriedade. Embora não sinta nenhum interesse especial pela falta de cuidados, busco alguma diversão onde posso encontrar, em coisas, pessoas, fatos, faço-o na qualidade de amador, para sair da estagnação que esfria minhas fantasias e me condena ao exílio a minha patrocinadora: a coragem.



DOADOR

Quanto mais me dou mais feliz estou, doador, meu amor fruto livre, estradeiro, fiel ao carinho seguinte, inteiro até o próximo adeus.

BUSCO LENHA

Tento dominar esse grosseiro aprendiz, enredado nos desatinos da eterna urgência me desoriento. Estou fadado a esses surtos de carinhos, treino espertezas com direção infeliz, desatino desfilando imprudências. Buscando lenha para queimar me afojo envolvido em incompetências.



MEMÓRIAS EXUMADAS

Deixo aqui computado meu espanto em pleno exercício da sua vocação. Suporto melhor começos e finais, doses excessivas e seus efeitos colaterais, segredos e denúncias, memórias exumadas e perdidas. Sei do leito que descarta e daquele que fecunda, do pilar que sustenta e da dinamite, dos abandonos e dos cuidados, dos ocultamentos e das descobertas.

PALAVRAS EXCEDENTES

Há palavras excedentes no meu diário, falas vazias, conduzindo ideias dispersas, falatórios, urgências negativas, maldades inventadas, origens duvidosas dominadas pelo ódio indutoras de rupturas. Há faladores excedentes, que conduzem o desconhecimento, que atrasam os encontros, diminuem a sobrevivência da coesão e da amizade. Privam as escutas da palavra benévola que transporta a esperança e a alegria. Há palavras, muitas palavras escutadas e repetidas no meu dia.



Roberto Curi Hallal

